

Brasil e Cuba em cartão postal

SERGIO BAZI

Depois do fel sarcástico de **Romance**, o cardápio do Festival ofereceu em seu quarto dia um sarapatel cubano-brasileiro de efeitos indigestos. A primeira co-produção entre os países que formam o título não chega a ser propriamente um filme. É um clipão que mostra bem a visão oficial que os brasileiros têm dos cubanos e vice-versa. A Cuba filmada pelo baiano Orlando Senna tenta convencer que aquela ilha caribenha é um paraíso. "Cuba é um sonho", sentencia a atriz Célia Maracajá num rápido plano. O máximo de crítica que se tem está no depoimento de uma moça da ilha que reclama do arraigado machismo cubano. O resto é exaltação.

No Brasil filmado pelo cubano Santiago Alvarez, em contrapartida, não faltam problemas sociais como a questão dos camponeses e dos índios da Amazônia. Estranhamente, o documentarista cubano incluiu um plano do presidente Sarney recitando versos em castelhano. O resto é cartão-postal.

Filmado desleixadamente, **BrasCuba** assinala o reatamento das relações entre os dois países e pretende mostrar o quanto são estreitas as semelhanças físicas e culturais entre brasileiros e cubanos. Só que Senna e Alvarez nunca vão além do óbvio: a influência iorubá, os ritmos musicais, a paisagem tropical, a alegria e sensualidade populares etc. O documentário carece de humor. É o único momento divertido fica por conta do depoimento de um pescador de Belém dizendo o que pensa do socialismo: "Lá (em Cuba) ninguém é de ninguém. E qualquer um pode sair

com a mulher do outro".

Não faltam receitas de pratos típicos, que recebem o mesmo tratamento dos dramas de familiares separados com a quebra do relacionamento diplomático por duas décadas. Há cenas constrangedoramente artificiais. Quando, por exemplo, duas cozinheiras cubanas ensinam Conceição Senna (mulher de Orlando e assistente de direção) a fazer uma sopa de frijoles (feijões) e uma sobremesa de plátano (banana). Ou o DDI de Hélio Dutra, um brasileiro que se tornou cidadão cubano, ao filho no Brasil. A participação de Chico Buarque — que muito antes do reatamento diplomático foi um dos responsáveis pelo redescobrimento de

Cuba junto com o jornalista Fernando de Moraes — é apenas decepcionante; seu depoimento não vai além da superficialidade que predomina ao longo da narrativa.

A visão do Brasil pelas lentes de Alvarez fica prejudicada pelo propósito de mostrar as semelhanças com Cuba. Acontece que o país é praticamente um continente e o Brasil de Alvarez, que não inclui o Sul "europetizado", só deixa de ser "cubano" quando chega a Brasília — por sinal aí levando à exaustão o recurso da **zoom**. De qualquer forma, os cubanófilos devem ter gostado, menos aqueles que ficaram irritados com a vocação turístico-folclórica desse clipão documental.